



## **IV Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social: Novas Reflexões Sobre as Democracias do Nosso Tempo**

Pelotas, 26, 27 e 28 de setembro de 2022.

### **GT - Teoria do Discurso e Abordagens Interdisciplinares**

## **A Utilização da Teoria Política do Discurso no Estudo da Organização da Resistência e das Disputas Contra- hegemônicas: uma análise das publicações acadêmicas**

Felipe Amaral Borges

Doutor em Administração (FURG – Brasil)

Alice Hubner Franz

Doutoranda em Administração (UFSC – Brasil)

**Resumo:** A Teoria do Discurso Político, formulada por Laclau e Mouffe, é de inegável importância para a compreensão de movimentos contra-hegemônicos e de resistência, cuja organização é tema caro aos Estudos Organizacionais. Frente a isso, nosso interesse no presente trabalho foi analisar a utilização da TDP no estudo da resistência e das disputas contra-hegemônicas buscando aprofundar as relações estabelecidas com as práticas de articulação e organização. Procedeu-se a um levantamento nas principais bases de dados identificando artigos que tratassem destas temáticas utilizando a TDP. Deste levantamento resultaram 63 artigos. As principais áreas de conhecimento de origem destes trabalhos foram: Ciência Política, Administração e Ciências Sociais. Os artigos analisados são predominantemente teórico-empíricos e desenvolvem suas análises principalmente a partir de dados secundários. As categorias teóricas mais frequentemente mobilizadas foram hegemonia e contra-hegemonia, significante vazio. Destacam-se dentre as temáticas estudadas os conflitos em torno de questões ambientais, as discussões envolvendo o tema da identidade nacional e disputas em torno da ocupação do espaço urbano.

**Palavras-chave:** Teoria do Discurso Político; Resistência; Organização; Contra-hegemonia.

### **Introdução**

Já não é nova a temática da resistência e das lutas sociais nos estudos organizacionais, como também não é recente a percepção de que a emergência desta temática compele o campo a buscar novos referenciais para compreender fenômenos organizativos que escapam à noção canônica e estreita de organização. Em que pese a incorporação destes objetos ao escopo do campo, a limitação teórica para interpretação da organização da resistência permanece presente. É, pois, na lacuna teórica evidenciada entre as abordagens hegemônicas dos estudos



organizacionais na tradição e na crítica que percebemos o potencial analítico da Teoria do Discurso Político (TDP).

Conquanto se assume como papel dos Estudos Organizacionais a análise dos processos de organização da resistência, cabe discutir o alargamento do conceito de organização. Neste sentido, organizações constituídas por meio de práticas não tradicionais e que operam segundo lógicas não contempladas nos modelos vigentes já são relatadas em diferentes estudos (SPICER; BÖHM, 2007; SULLIVAN, SPICER; BÖHM, 2010).

Spicer e Bohm (2007) inserem a questão dos estudos da resistência a partir dos estudos de movimentos sociais, e invocam a TDP como forma coerente de analisá-los. Os autores definem os movimentos sociais como desafios coletivos de pessoas com propósitos comuns e solidariedade, sustentados na interação entre elites, oponentes e autoridades. Afirmam, ainda, que o estudo de movimentos sociais oferece uma forma de compreensão das lutas contra discursos hegemônicos que são coletivas, unidas por laços de solidariedade e sustentados ao longo do tempo e do espaço. Ademais, corroboram os argumentos de Laclau e Mouffe que afirmam que os movimentos sociais são fundamentais para desafiar os discursos hegemônicos.

Assim, compreendendo a relevância dos estudos da resistência para o campo dos Estudos Organizacionais e da adequação da Teoria do Discurso Político como abordagem para a compreensão de tais fenômenos, o presente trabalho cuida de analisar a produção relacionada a tais aspectos. Para tanto, procedeu-se a um levantamento dos trabalhos publicados em periódicos nacionais e internacionais que tratassem do tema da organização da resistência, analisado por meio da TDP.

### **A teoria do discurso político – principais conceitos e categorias**

O entendimento da teoria proposta por Laclau e Mouffe (2001) como Teoria do Discurso passa pela compreensão da forma como o discurso é entendido pelos autores. O discurso não é, para Laclau e Mouffe (2001), uma sequência de palavras ou um conjunto de textos. Não há distinção entre discurso e prática. (MENDONÇA, 2003). A abordagem do discurso na teoria laclauniana incorpora tanto as operações linguísticas quanto as extralingüísticas. “O discurso constitui relações sociais, na medida em que estas são significativas em termos discursivos.” (MENDONÇA, 2008, p. 60). Segundo Howarth e Stravakakis (2000), o foco da teoria do



discurso é a forma como algumas práticas sociais articulam e contestam os discursos que constituem a realidade social.

Concretamente, o discurso é o sistema de práticas e relações sociais, intrinsecamente políticas, cuja formação é um ato de instituição radical, envolvendo a formação de antagonismos e delineando as fronteiras políticas entre aqueles que estão no interior do sistema de significação e aqueles que estão para além das fronteiras deste sistema (HOWARTH; STRAVAKAKIS, 2000).

Frente ao entendimento de que os sentidos sociais são sempre incompletos e mal fechados, defende-se que fixações parciais, precárias e contingentes de sentidos são possíveis. Quando os sentidos são fixados e um conteúdo particular encarna uma função de plenitude ausente, se observa uma ordem hegemônica. Para tanto, são necessárias práticas articulatórias, que são também, práticas hegemônicas, mediante as quais se estabelece determinada ordem e se fixa o significado (MOUFFE, 2007). Em outras palavras, o processo de constituição de uma ordem hegemônica parte de um discurso particular que consegue representar discursos ou identidades até então dispersas (LACLAU; MOUFFE, 2011).

Cabe destacar que a prática articulatória envolve, pois, a fixação/desfixação de um sistema de diferenças que ultrapassa sobremaneira os fenômenos linguísticos, atravessando as instituições, os rituais e as práticas sociais, de maneira geral, em busca de sua estruturação (LACLAU; MOUFFE, 2001). Pode-se dizer, portanto, que a articulação de diferentes projetos políticos em torno de diferentes pontos de fixação - pontos nodais - requer que esta posição seja compatível com os projetos ali articulados. Laclau e Mouffe (2001) resolvem esta condição a partir da identificação de significantes vazios. “Um significante vazio é, no sentido estrito do termo, um significante sem significado.” (LACLAU, 2011. p. 67). Acrescenta-se a definição de Mendonça (2007), para quem os significantes são esvaziados quando um discurso universaliza tanto seus conteúdos a ponto de ser impossível de ser significado de forma exata. Tal fenômeno ocorre quando a expansão de uma cadeia de equivalência é tão grande que a prática articulatória expande em muito a agregação de elementos a um dado discurso.

Assim, um discurso que consegue articular outros em torno de si exerce uma função de representação (MENDONÇA, 2007). Contudo, a representação nunca é satisfeita integralmente, dada a complexidade resultante das disputas políticas de múltiplos interesses. O autor acrescenta que apesar do esvaziamento de conteúdos específicos do significante, são



perceptíveis os seus limites que, segundo Laclau, são sempre antagônicos. Estes limites de significação nunca são neutros e pressupõem uma exclusão. Em outras palavras, o que está além da fronteira de exclusão representa a negatividade, ou ameaça àquilo que está contido no interior do sistema. Os vários elementos contidos neste lado do limite compartilham esta característica identitária, na mesma medida em que suas diferenças internas lhes conferem uma identidade. O cancelamento de tais diferenças se dá por meio da formação de uma cadeia de equivalência. Emerge, então, um significante vazio “anunciando a si mesmo por meio dessa lógica em que as diferenças se dissolvem em cadeias equivalenciais” (LACLAU, 2011. p.71).

Tais cadeias são os movimentos por meio dos quais diferenças identitárias são suspensas/subvertidas - em relação àquilo que sustenta a sua articulação. Um dado significado é parasitado por outro (ou outros tantos) a ponto de ser subvertido (LACLAU; MOUFFE, 2001). Esta nova formação, então, iguala, em certa medida, a todos para os quais a nova significação é suficientemente representativa. O processo que está por trás desta formação é denominado pelos autores de lógica da equivalência. Considerando a formação de identidades diferenciais, “esta lógica [a lógica da equivalência] funciona pela criação de identidades equivalentes que expressam a pura negação de um sistema discursivo” (HOWART; STRAVAKAKIS, 2000, p. 11).

Se por um lado temos o estabelecimento de lógicas de equivalência, por outro, Laclau e Mouffe (2001) definem a lógica da diferença como o processo pelo qual se dissolvem as cadeias de equivalência existentes, e se incorporam elementos desarticulados a uma dada formação discursiva. Laclau (2011, p.59) afirma que toda relação antagonística é dotada de ambiguidade, e que, mesmo na oposição a certas formas de poder, sou é possível haver identificação com os lugares a partir dos quais a oposição se dá. Assim, nunca me é possível constituir uma identidade plena, e a “ambiguidade como tal não pode ser propriamente resolvida” r.

Para Aletta Norval (2000, p. 222) “as lógicas da equivalência e da diferença, permanecendo em uma relação de tensão uma em relação à outra, são ambas necessárias à individuação de uma identidade.” Na esteira da diferença, o antagonismo é questão explorada por Chantal Mouffe (2005) e Laclau e Mouffe (2001), sendo considerado por Daniel de Mendonça (2008. p. 161) como “a impossibilidade da constituição de um sentido objetivo, ou finalístico, a toda lógica discursiva”. O discurso antagônico, contudo, é sempre exterior à minha identidade, refere-se àquilo que nego e confirmo no processo de negação e, assim, constitui-se



da mesma forma, precária e contingente. Um sentido objetivo pleno, portanto, nunca é alcançado. “[...] o ponto fundamental para o entendimento da relação antagônica é que essa ocorre entre um ‘exterior constitutivo’ que ameaça a existência de um ‘interior’” (MENDONÇA, 2008 p. 161).

Mendonça (2012) destaca que a compreensão do antagonismo, no sentido proposto por Laclau e Mouffe (2001) pressupõe o entendimento de que as relações políticas se dão, não entre identidades já prontas. “Mais especificamente: os autores entendem que não podemos considerar identidades políticas num sentido essencialista, ou seja, como constituídas antes da própria relação antagônica.” (MENDONÇA, 2012. p. 207). O antagonismo corresponde, assim, não só a uma posição do sujeito, mas também ao instante em que ele se constitui como tal. O antagonismo é tomado como uma condição para o estabelecimento de identidades políticas em um campo discursivo. (MENDONÇA, 2012).

Para Howarth e Stravakakis (2000), a construção de antagonismos sociais é central para a teoria do discurso, eis que revela um limite em que o significado social é contestado e não se estabiliza. O antagonismo caracteriza um ponto em que a identidade não está mais fixada em um sistema diferencial, mas é contestada por forças externas à ordem existente (NORVAL, 2000). Tal impedimento se dá mutuamente (HOWARTH; STRAVAKAKIS, 2000), uma vez que as identidades – constituídas de forma diferencial – são mutuamente excludentes.

A formação de identidades, e o trânsito dos indivíduos por entre estas, decorrem de uma série de movimentos de significação no interior de um discurso. Nesse ínterim, entende-se que a evidenciação da contingencialidade de um discurso é o processo denominado deslocamento. Este representa um descentramento da estrutura social que promove uma crise das identidades existentes (HOWARTH; STRAVAKAKIS, 2000). Tais crises, representam, então, uma falta ao nível da significação que exige a construção de novas formações discursivas. Essa nova formação é vista por Barros (2009) como uma resposta a uma necessidade de significação dentro de uma realidade discursiva que já não faz mais sentido. Dito de outra forma, um deslocamento representa uma situação que já não encontra respostas no interior de uma dada ordem hegemônica.

Isto posto, será versado, no tópico a seguir, acerca dos procedimentos metodológicos utilizados neste estudo.



## Metodologia

O presente estudo tem cunho qualitativo, realizado a partir de uma revisão de literatura, tendo como guia o método *Systematic Search Flow*, de Ferenhof e Fernandes (2016). A revisão de literatura, segundo eles, é útil para traçar um panorama atual acerca do conhecimento científico sobre o tema proposto, bem como para identificar possíveis lacunas a serem exploradas em futuros estudos.

Diante disso, optou-se pela coleta de artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais utilizando-se como ferramenta de busca as bases de dados *Ebsco*, *Scielo*, *Scopus*, *Spell* e *Web of Science*, por meio dos seguintes descritores em português e em inglês: (“teoria política do discurso” OR “teoria do discurso político” OR “teoria do discurso” OR “teoria neogramsciana”) AND (“laclau e mouffe” OR “laclau” OR “mouffe”).

Para a seleção dos trabalhos, obedeceu-se aos seguintes critérios de inclusão: a) artigos científicos publicados em periódicos nacionais e/ou internacionais; b) estar disponibilizado de forma online e gratuita (*all open access*); c) conter os descritores mencionados nos campos “título, resumo ou palavras-chave”; d) abordar a Teoria do Discurso Político como eixo teórico central; e) abordar, de alguma forma, a temática da resistência.

Após a primeira busca (realizada em janeiro de 2022), foi selecionado um universo 1.758 artigos, sendo 604 na *Ebsco*, 169 na *Scielo*, 163 na *Scopus*, 16 na *Spell* e 806 na *Web of Science*, os quais foram organizados com o auxílio do *software* gerenciador de bibliografias *Endnote*.

Posteriormente, os artigos duplicados foram excluídos, resultando em um total de 1.039 artigos. Devido ao alto número de artigos, procedeu-se a uma segunda filtragem no *software Endnote* utilizando-se como parâmetro as seguintes palavras, as quais deveriam estar contidas no resumo dos artigos: “Political Discourse Theory”, “Discourse Theory”, “Political Theory of Discourse”, “Neo-gramscian Theory”, “Laclau”, “Laclau and Mouffe”, “Laclau e Mouffe”, “Teoria Política do Discurso”, “Teoria do Discurso Político”, “Teoria do Discurso”, “Teoria Neogramsciana”. Também foram inclusas as seguintes variações: “Discourse theory”, “Ernesto Laclau and Chantal Mouffe”, “Teoria Laclauniana”, “Teoría del Discurso”, “Teoría Política del Discurso”, “Teoria del Discurso”, “Laclau & Mouffe”, “Laclau y mouffe”, “Laclau et Mouffe”.

Após essa segunda filtragem, 367 foram selecionados, tiveram seus títulos, resumos e palavras-chaves lidos de forma integral e, por não atenderem aos critérios de abordar a Teoria



do Discurso Político como eixo teórico central e, sobretudo por não abordar de alguma forma a temática da resistência, 326 artigos foram excluídos da análise, resultando em 41 artigos que integraram o corpus desse levantamento, que foram lidos na sua totalidade.

A partir da sistematização dos artigos analisados, a construção da presente pesquisa possibilitará o desenho de um panorama acerca do uso da Teoria do Discurso Político no estudo da resistência.

### **A organização da resistência: uma análise das pesquisas acadêmicas**

Dois caminhos foram trilhados na análise dos trabalhos identificados no levantamento que fundamenta esta pesquisa: um que busca traçar algumas características gerais da produção acadêmica, tais como distribuição temporal, por área de conhecimento e geográfica, e outro que pretende traçar uma análise sobre o uso da teoria no estudo das disputas hegemônicas em termos gerais e também especificamente no que tange à organização desses movimentos.

### **Aspectos gerais da produção acadêmica analisada**

Os artigos selecionados estão distribuídos entre os anos de 2011 a 2021, sendo o ápice das publicações o ano de 2018, com seis artigos. O fato das publicações acerca do uso da Teoria do Discurso Político no âmbito do estudo da resistência estarem concentradas nos últimos dez anos parece demonstrar ser essa uma articulação recente e emergente. Foi possível observar, também, um crescimento das publicações nos últimos cinco anos, sendo 29 artigos publicados entre 2016 a 2021, o que denota um aumento no interesse de pesquisadores de diferentes áreas, tanto no uso da TDP, quanto no estudo de práticas de resistência.

Ao olhar para a área de conhecimento das publicações, percebe-se uma grande concentração dos estudos na área das Ciências Sociais, Sociologia e Ciência Política (14 estudos), bem como na área de Administração e Estudos Organizacionais (11 estudos) e da Geografia, planejamento e estudos urbanos (8 estudos). Ainda que em menor número, a área das Ciências Ambientais (03 estudos), da Comunicação (03 estudos), da Educação (01 estudo) e da Economia Política (01 estudo) também registraram artigos. Esse interesse demonstra o caráter interdisciplinar presente na teoria e o amplo alcance que possui ao possibilitar a compreensão de diferentes fenômenos.



Ao total, foram identificados 65 autores e coautores, sendo que, desse total, apenas seis fazem parte de dois ou mais artigos, havendo, portanto, uma certa diversificação de autoria. Os autores que mais publicaram são: Sérgio Carvalho Benício de Mello (05 artigos), Eloise Helena do Livramento Dellagnelo (03 artigos), Nico Carpentier (02 artigos), Rebeca de Moraes Ribeiro de Barcellos (02 artigos), Carlos César de Oliveira Lacerda (02 artigos) e Koen van Bommel (02 artigos).

Com relação à distribuição geográfica, há uma grande concentração de autores vinculados a países da Europa. Dos 41 artigos, 26 possuem autores vinculados a universidades Europeias, 10 deles com autores de universidades da América Latina, 02 da Oceania e os demais advindos da Ásia e África.

Do total de 34 periódicos, 24 deles são europeus, sendo 19 somente do Reino Unido. Os demais (08) são latino-americanos e norte-americanos (02). Percebe-se que existe a consolidação de um centro de estudos localizado na Europa, principalmente no Reino Unido, local de origem do trabalho de Laclau e Mouffe, que tem produzido e disseminado conhecimento científico acerca da utilização da Teoria do Discurso Político para análise da resistência. Ainda que seja uma produção eurocentrada, que privilegia objetos e questões de estudos locais, percebe-se que a América Latina, especificamente o Brasil, tem despertado para estudos pós-estruturalistas que contribuem para o entendimento de questões específicas desse contexto.

Dentre os 34 *journals* identificados, quatro deles se destacaram por terem publicado duas ou mais pesquisas, sendo eles: a) Critical Discourse Studies (03 artigos); b) Environment and Planning C: Politics and Space (02 artigos); c) Organization Studies (02 artigos); c) Antipode (02 artigos). São periódicos que publicam, respectivamente, questões que envolvem a relação entre discurso e dinâmica social, sobre espacialização da política e a politização das relações espaciais, que promovem a compreensão acerca das organizações e da vida organizada e que evidenciam a vantagem do olhar crítico da geografia.

Outro aspecto a ser analisado refere-se aos autores articulados em conjunto com a Teoria do Discurso Político. A grande maioria dos estudos se apoia nas categorias teóricas elaboradas por Laclau e Mouffe com objetivo de buscar compreender as articulações, os discursos e as disputas e lutas travadas em torno de determinadas questões. Porém, em um número menor de artigos, observou-se, de forma complementar, o uso de alguns outros aportes teóricos. Dentre





eles, os mais citados são Michel Foucault, a partir de suas noções de arqueologia do saber e de governamentalidade, bem como Jason Glynos e David Howarth, a partir do uso das lógicas sociais, políticas e fantasmáticas. Outros autores que também figuraram enquanto aporte teórico complementar referem-se à Normal Fairclough, a partir da abordagem da Análise Crítica do Discurso, Jacques Rancière, acerca de suas teorizações sobre o sensível, a ação política e a igualdade, bem como Oliver Marchart.

### **O uso da TDP no estudo das disputas hegemônicas**

Acompanhando Spicer e Bohm (2007), Sullivan, Spicer e Bohm (2010) dentre outros pesquisadores, compreende-se que Laclau e Mouffe (2001) oferecem novas formas para o entendimento de disputas pela hegemonia. Adicionalmente, também concorda-se que o referencial teórico mais amplamente adotado no campo dos estudos organizacionais apresenta limitações para compreender a organização destes movimentos. Intenta-se, portanto, compreender as formas como a Teoria do Discurso Político vem sendo utilizada para compreensão de tais fenômenos, com especial atenção às formas de sua organização.

No que tange à dimensão metodológica dos artigos analisados, um aspecto que procurou-se analisar refere-se às delimitações empíricas, ou seja, os *loci* de estudo privilegiados. Em muitos estudos foram descritos protestos organizados e disputas que incluem movimentos ativistas, movimentos de base, ações que envolvem a sociedade civil organizada, organizações não governamentais, partidos políticos, entre outros.

Destaca-se, também, a limitada presença de dados primários, coletados de forma orientada à pesquisa e realizada diretamente com os sujeitos envolvidos. Os trabalhos analisados, em sua maioria, se fundamentam em uma expressiva proporção de análises de entrevistas publicadas na mídia, materiais publicados pelos movimentos analisados, discursos políticos e documentos oficiais. Esse é o caso, por exemplo, de van Bommel e Spicer (2011), Fraser (2017), Tregidga, Milne e Kearins (2018), Ashraf, Muhammad e Hopper (2019), Chazel e Vázquez (2020), Casado (2021) e Popartan, Ungureanu, Velicu, Amores e Poch (2020), dentre outros.

Em um número muito menor, alguns trabalhos afirmam ter origem em entrevistas semi-estruturadas, observações e observações participantes (BARCELLOS; DELLAGNELO, 2014. BARCELLOS; DELLAGNELO; SALLES, 2014. TAFON; HOWARTH; GLEISS, 2017;



GIDLUND, 2018; GRIGGS, 2019; FLIMONIV; CARPENTIER, 2021; FERNS; AMAESHI, 2021; SANTOS; MELLO, 2021, dentre outros).

Ainda quanto aos métodos de investigação, é notável a ausência de informações sobre tratamento e análise dos dados. Poucos são os trabalhos que trazem alguma informação que permita ao leitor acompanhar as conclusões a que chegam os pesquisadores. Mesmo quando apontadas as categorias teóricas analisadas, não se percebe a identificação delas nos dados apresentados. Exceção digna de nota é o trabalho de Ashraf, Muhammad e Hopper (2019), que descreve detalhadamente o método utilizado para analisar a disputa em torno do discurso sobre avaliação da privatização de uma mina no Paquistão. Inclusive, os autores destacam o aumento do uso da TDP em pesquisas do campo das organizações e apontam a vagueza das informações acerca dos modos de operacionalização dos estudos.

Neste caso (ASHRAF; MUHAMMAD; HOPER, 2019), foi realizada uma detalhada reconstrução da formação dos discursos em torno do tema, destacando os momentos em que se observam deslocamentos e como a venda da mina se configurou como ponto nodal. Para tanto, os pesquisadores fizeram um extenso levantamento de matérias de jornais, publicações do governo e de forças militares envolvidas, bem como da sociedade civil e decisões judiciais. Após isso, reconstruíram a cronologia, situando cada artigo, e aplicaram técnicas de lexicometria, acrescentando uma dimensão linguística à análise.

Nos estudos em que analisam o coletivo de produção cultural Fora do Eixo (BARCELLOS; DELLAGNELO, 2014. BARCELLOS; DELLAGNELO; SALLES, 2014), as autoras contaram com uma grande quantidade de dados oriundos de publicações na internet, palestras e vídeos. Destacam que o coletivo tem uma estratégia de muita exposição midiática o que facilitou o acesso ao conteúdo. Entretanto, foram acrescentados também dados primários obtidos por meio de observações e entrevistas, buscando compreender a história da organização do ponto de vista dos seus participantes e os sentidos atribuídos por eles. Para análise dos dados, as autoras buscaram identificar as categorias da TDP - notadamente articulação e lógica de equivalência - presentes nas práticas discursivas do grupo.

Em termos de procedimentos metodológicos, Santos e Mello (2021) usam análise documental, entrevistas e observação participante. Os autores mencionam que também participaram de reuniões, eventos, atos públicos e audiências públicas nas quais o movimento



Direitos Urbanos participava ou havia convocado/organizado. Destaque se faz para o uso do software NVIVO para análise da recorrência de determinados termos sendo articulados.

Superadas as questões metodológicas, os casos em estudo apontam informações interessantes. Significante vazio, discurso, ponto nodal, hegemonia e cadeia de equivalência são, destacadamente, as categorias mais presentes, com protagonismo, também, para as categorias de antagonismo, articulação e populismo. Assim, os achados no presente trabalho endossam as colocações de Howarth e Stavrakakis (2000), Spicer e Bohm (2007), para quem a articulação de discursos em torno de significantes é crucial para o estabelecimento de uma disputa pela hegemonia. Os principais achados dão conta de que as disputas em torno de temáticas envolvendo a forma como o espaço está sendo organizado, bem como questões que envolvem meio ambiente, sustentabilidade e mudanças climáticas são as mais presentes dentre os trabalhos analisados.

Por exemplo, Atkins (2018) estuda disputas em torno da construção da hidrelétrica de Belo Monte. Analisa como as coalizões pró-barragem incluíram narrativas de sustentabilidade no projeto, legitimando a construção e ocultando consequências sociais e ambientais negativas. Explora, por fim, o esvaziamento do conceito de sustentabilidade.

Tafon, Howarth e Griggs (2019) discutem o planejamento/ordenamento do espaço marinho, considerando a resistência a um projeto de uso de recursos do vento existente no espaço marinho na Estônia para a geração de energia no país. Por meio do uso de metodologia qualitativa e interpretativa, Popartan, Ungureanu, Velicu, Amores e Poch (2020) analisam as mobilizações em torno da disputa sobre a municipalização da água em Barcelona, as quais envolvem atores políticos-sociais e empresas privadas. Bastos e Mello (2017) tratam dos embates em torno do fechamento, aos carros, de uma grande avenida de São Paulo, privilegiando os pedestres. Santos e Mello (2021) fornecem uma explicação crítica do discurso de um movimento social urbano que se desenvolve em Recife - PE e tentam compreender como esse movimento se articula para desafiar os discursos hegemônicos do urbanismo moderno e promover discursos alternativos às questões urbanas.

Ainda que em menor número, pode-se observar que temáticas que envolvem diferentes usos em torno da tecnologia, divulgação de notícias falsas, políticas governamentais, educação inclusiva e de economia política, bem como questões culturais têm sido também olhadas a partir



da lente teórica da Teoria do Discurso Políticos, sendo objeto de luta e resistência. Esses são, em síntese, os temas que perpassam com maior frequência os trabalhos.

### **Estratégias de resistência**

Quando se afirma que os estudos organizacionais não podem se furtar a olhar o organizar da resistência como parte do seu campo de análise, se reconhece a limitação das lentes teóricas ortodoxamente empregadas. Da mesma forma, Spicer e Bohm (2007) inserem a questão dos estudos da resistência a partir dos estudos de movimentos sociais, e invocam a TDP como forma coerente de analisá-los. Os autores definem os movimentos sociais como desafios coletivos de pessoas com propósitos comuns e solidariedade, sustentado na interação entre elites, oponentes e autoridades. À época da realização do trabalho, os autores apontavam para a existência de certas características: 1) estes movimentos são focados em desafios coletivos que envolvem grupos coerentes de pessoas; 2) são mantidos por um sentido de propósito comum e solidariedade, o que Laclau e Mouffe (2001) chamam de cadeias de equivalência; 3) os movimentos sociais chamam nossa atenção para como a resistência pode envolver uma relação substancial com grupos dominantes.

Os autores ainda afirmam que o estudo de movimentos sociais oferece uma forma de compreensão das lutas contra discursos hegemônicos que são coletivas, unidas por laços de solidariedade e sustentados ao longo do tempo e do espaço e corroboram os argumentos de Laclau e Mouffe que afirmam que os movimentos sociais são fundamentais para desafiar os discursos hegemônicos. Segundo Spicer e Bohm (2007), são muitas as estratégias que podem ser utilizadas para o exercício da resistência. Propõem uma estrutura de análise com dois extremos, representando, de um lado, as estratégias políticas e, de outro, as estratégias infra-políticas de resistência.

As estratégias políticas compreendem formas oficiais e abertas de resistência. Normalmente, quando um movimento social adota uma estratégia política ele se insere em uma estrutura formalizada de organização de movimento social. (SPICER; BOHM, 2007).

Tafon, Howarth e Griggs (2019) evidenciam as estratégias políticas adotadas por membros de uma ONG que discute o planejamento de ocupação do espaço marinho para geração de energia eólica na Estônia. Naquele caso, residentes apresentaram seus receios em relação ao projeto, demandando estudos científicos independentes para embasar seus



argumentos e questionamentos em relação à proposta apresentada. Implementaram, ainda, medidas de contestação judicial do plano apresentado, insitucionalizando o movimento na forma de uma ONG, visando defender os seus interesses. A criação de um slogan atuou como ponto nodal, visando articular diferentes interesses e demandas e identidades dos membros da ONG criada.

No extremo oposto, localizam-se as estratégias infra-políticas. Menos formalizadas e mais informais, facilitam a criação e a experimentação. Tipicamente, esses movimentos envolvem lutas por reconhecimento, cultura e justiça, incluindo questões econômicas, de gênero, ambientais, entre outras (SPICER; BOHM, 2007).

A realização de eventos com a participação de especialistas, a produção de um documentário e de adesivos para carros são exemplos de estratégias infra-políticas adotadas por integrantes de movimentos que militam pela construção de usinas eólicas em Wolfhagen, na Alemanha. O grupo ainda promoveu a instalação de um mastro para medições científicas acerca do vento da região, convertendo-se no maior equipamento do tipo em toda a Europa e fornecendo dados atualizados gratuitamente (OTTO; LEIBENATH; 2014).

Ao analisarem o movimento Slow Food, van Bommel e Spicer (2011) sugerem que seus membros lançaram mão de estratégias políticas próprias dos movimentos sociais, principalmente no início de sua existência, tais como manifestações públicas, entrevistas publicadas na mídia e relacionamento com consumidores. Ainda assim, estratégias consideradas por eles como infra-políticas (SPICER; BOHM, 2007) também foram adotadas, como por exemplo, degustações em mercados locais, em jardins de escolas, excursões e publicações de guias de comida e vinhos. Engajamento com servidores públicos locais também foram utilizados como estratégias menos formais de atuação do movimento. Importante ainda ressaltar que alguma tentativa, mesmo que rudimentar, de estruturação de escritórios mundiais também foram observadas.

Com a expansão do movimento, estratégias políticas informais (SPICER; BOHM, 2007) continuaram a ser adotadas, tais como eventos de integração e mercados ou feiras de fazendeiros ou produtores locais. De maneira clara, o movimento vai se tornando cada vez mais proeminente na esfera política oficial e, à medida que ele cresce, ele se torna cada vez mais popular. Em resumo, neste estudo de caso, foi possível observar com clareza, conforme os



autores, a adoção de estratégias de movimentos sociais no período inicial de sua existência, mas depois ele aplica ambas abordagens infra-políticas e políticas (SPICER; BOHM, 2007).

De forma semelhante, o trabalho de Popartan, Ungureanu, Velicu, Amores e Poch (2020) sobre as disputas em torno do abastecimento de água em Barcelona mostra uma variedade de formas de ação como: ação reclamatória contra a prefeitura, banners em frente à prefeitura (inimigo) e manifestações em frente ao espaço do inimigo. Os grupos locais focam em questões locais em suas lutas e coordenam ou se organizam com a central em Barcelona para campanhas nacionais e mensagens políticas importantes. Os dados analisados ainda demonstram a força ou poder decorrente da obtenção do financiamento por parte de uma das organizações participantes do movimento de resistência.

Gleiss (2017), por sua vez, ao analisar as estratégias utilizadas por organizações não governamentais trabalhistas chinesas para reformulação do espaço político enquanto espaço discursivo, apontou para estratégias discursivas como a rearticulação de elementos de discursos que já haviam sido utilizados pelo Estado, com intuito de se agregar novos significados a significantes já utilizados - para se abrir espaço a manifestação de novas demandas. Um exemplo foi a adoção do jargão sociedade harmoniosa, lançado pelo ex-presidente Hu Jintao, para se referirem ao seu trabalho com trabalhadores migrantes como algo que promove a harmonia social, ao invés de ameaçá-la. Além disso, recorria-se, com apoio de mídias sociais, a estratégias evasivas como humor ou polifonia, bem como ao questionamento de discursos sedimentados, expondo a contingência das articulações de sentidos existentes, e a tentativa de desafiar a compreensão hegemônica de espaço político propagada pelo Partido Comunista Chinês.

Filimonov e Carpentier (2021), em um estudo sobre a importância da mídia alternativa diante da manutenção da hegemonia do Estado russo, mencionaram que as estratégias de resistência da mídia alternativa não eram limitadas às críticas explícitas e evasivas quando o Estado se voltava contra elas. Eles também realizam resistência à lógica encarnada pelo Estado por meio da contestação de identidades políticas, ressignificação de espaços e desenvolvimento de estruturas para o funcionamento das mídias alternativas.

Outro trabalho a ser destacado é o de Fair (2015), além de realizar uma discussão acerca de resistência a partir de atores sindicais menemistas, o artigo realiza contribuições para análise da resistência a partir da TDP. Para tanto, é proposto olhar para os modos de resistência



enquanto defensivos e ofensivos e para as formas de resistência enquanto formas hegemônicas e contra hegemônicas. Além disso, sugere-se um olhar ao nível das estratégias de resistência que podem estar voltadas ao questionamento dos eixos nodais que estruturam o discurso dominante, bem como constroem uma estratégia de positividade que estruture um projeto político antagônico ao discurso dominante.

Por outro lado, alguns trabalhos apresentam uma análise fundada em meras expressões linguístico-discursivas dos agentes envolvidos, obtidas por meio de dados secundários. É possível que tal conduta derive de uma compreensão rudimentar do que Laclau e Mouffe (2001), bem como outros teóricos do discurso, compreendem como articulação discursiva. Estes trabalhos se concentram em analisar os discursos proferidos em eventos, publicações na mídia e materiais de divulgação, mas deixam de apontar as ações concretas tomadas pelos grupos na disputa pela hegemonia.

Lacerda e Mello (2011), por exemplo, se valem de notícias de jornais para evidenciar articulações discursivas na disputa pela revitalização do Cais Mauá, em Porto Alegre. Ainda que os autores incluam uma seção denominada “Estratégias e ações”, e apresentem excertos de matérias jornalísticas, apenas o texto é objeto de análise. A imprensa menciona ocupações, tumultos e ações judiciais movidas pelos manifestantes, nenhuma destas estratégias, contudo, parece ter significado discursivo para os pesquisadores. É possível que o distanciamento característico da pesquisa com origem em dados secundários justifique a impossibilidade de atribuir uma significação mais ampla aos eventos mencionados.

Da mesma forma, o trabalho de Owen (2014) acerca das disputas travadas em torno da proteção da propriedade intelectual versus o acesso global a medicamentos para HIV/AIDS não evidencia claramente as estratégias utilizadas pela resistência ao discurso hegemonicamente construído. O foco de Owen (2014) no referido artigo foi o de demonstrar a mudança discursiva e a contestação, porém suas análises basearam-se exclusivamente em materiais jornalísticos, enfatizando apenas a retórica como instrumento para construção, contestação e manutenção das condições de política econômica que envolvem a produção e distribuição de global de medicamentos (OWEN, 2014).

Mosemghvdlishvili e Jansz (2018), ao problematizar as práticas de desenvolvimento de código aberto para dispositivos móveis, também acabam por não enfatizar as estratégias adotadas, focando apenas na exploração comparativa de textos produzidos pela Google Inc. e



pela Free Software Foundation Europe, seus objetos de análise. O intuito dos autores foi demonstrar como ambas constroem e posicionam discursivamente o sistema Android a partir de uma análise exclusivamente textual de documentos, entrevistas publicadas e publicações em sites.

Em geral, isso ocorre em artigos que lançam olhares para as disputas discursivas em torno de determinada questão, seja ela acerca da produção e organização do espaço, da produção e distribuição de medicamentos ou em torno de questões que envolvem o uso da tecnologia. Nesses artigos, a preocupação mais central volta-se na elucidação em torno das lutas travadas ao redor daquilo que se disputa, dos argumentos utilizados, da identificação de pontos nodais, de significantes vazios e flutuantes. Porém, pouco enfatizam a construção dos processos de articulação e lógica da equivalência, assim como as estratégias, as quais são fundamentais no sentido de buscar a construção de uma nova hegemonia.

Ao apresentarem, em 2007, os resultados dos seus estudos sobre as diferentes estratégias de resistência adotadas pelos movimentos sociais, Spicer e Böhm destacam que as formas mais interessantes de resistência envolvem conexões novas sendo criadas entre diferentes movimentos, formando lógicas de equivalência entre diferentes lutas. Para os autores, essas novas conexões entre os movimentos são estabelecidas por meio de estruturas mobilizadoras comuns, enquadramento de demandas comuns e emoções coletivas.

Tal fato pode ser ilustrado a partir do estudo de Mert (2016) acerca dos protestos que ocorreram em toda Turquia no verão de 2013, os quais iniciaram a partir de uma resposta popular aos planos do governo municipal de Istambul, o qual pretendia construir um shopping center no Gezi Park, um pequeno, mas simbólico, parque localizado no coração cultural da cidade (MERT, 2016). Ocorre que, como mostra a autora, os protestos ganharam uma ampla dimensão e acabaram articulando, em uma mesma cadeia de equivalência e em torno do significativo vazio “Parque Gezi”, distintas identidades, que até então não estavam juntas, mas que foram antagonizadas. Muitas dessas identidades faziam parte de grupos tradicionalmente marginalizados da sociedade, tais como o movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer (LGBTQ), trabalhadores do sexo, alevitas, curdos, os deslocados (os pobres urbanos e os ciganos), não-muçulmanos e feministas. Mobilizaram, também, a elite republicana, os liberais progressistas e muçulmanos anticapitalistas, ativistas ambientais e ecologistas. Enfim, um pluralismo que caracteriza o que Spicer e Bohm (2007) buscam teorizar quando destacam





as conexões entre diferentes movimentos e as combinações de diferentes resistências frente a novas disputas. Tal fato traz à tona também a necessidade de identificar e nomear os grupos/indivíduos envolvidos nas articulações, como forma de personificar a resistência.

De forma semelhante, o movimento “*Água és vida*”, que milita pela municipalização da água em Barcelona (POPARTAN, UNGUREANU, VELICU, AMORES, POCH; 2020) conta com a participação de sujeitos que têm relação com outros movimentos mais amplos e outros movimentos similares. Esse é o caso dos fundadores do movimento, por exemplo. Nesse sentido, os autores observam que outros temas de resistência se juntam à plataforma ambientalista do movimento, assim como outros grupos ou movimentos não ambientalistas também estabelecem relações de apoio.

A análise da organização enquanto processo – incluindo suas estratégias – destes movimentos é que permitirá compreender os agenciamentos envolvidos na disputa hegemônica. Spicer e Böhm (2007) sugerem uma agenda de pesquisa que inclui investigar as combinações mais comuns em determinados contextos, o sucesso de cada combinação de resistência, os vínculos organizacionais entre os diferentes movimentos e, mesmo, como as cadeias de equivalência entre as diferentes formas de resistência se desfazem. Portanto, abdicar de uma investigação rigorosa sobre os modos de organização destes movimentos limita a contribuição ao campo, eis que não auxilia na elucidação de pontos cruciais para a compreensão do fenômeno.

### **Considerações finais**

O objetivo principal deste artigo foi o de discutir a produção acadêmica acerca da resistência que utiliza como lente teórica central a Teoria do Discurso Político. Frente a isso, procedeu-se a um levantamento bibliográfico e algumas considerações de cunho conclusivas merecem ser destacadas.

Poucos estudos deixaram explícitos o trajeto metodológico percorrido durante a pesquisa, sobretudo de forma a detalhar as principais estratégias utilizadas para coleta de dados, uma vez que todos são teórico-empíricos. Percebe-se a concentração da utilização das técnicas de análise documental, entrevista e observação para a coleta de dados, sendo um dos desafios para estudos futuros uma maior diversificação quanto à forma de coleta dos dados empíricos, com uso de



etnografia, por exemplo, assim como um maior detalhamento metodológico que inclua, por exemplo, as principais fontes dos dados coletados, a forma de tratamento e análise dos mesmos.

Categorias como cadeia de equivalência, significante vazio, ponto nodal e hegemonia são aquelas mais citadas, sendo também categorias centrais para compreensão dos movimentos de resistência, abrindo uma lacuna a ser preenchida com estudos que explorem outras noções da teoria pouco citadas, como deslocamento, sujeito coletivo e identidade, por exemplo. Ademais, tendo em vista que processos de identificação/articulação são um elemento importante no estudo da resistência a partir da lente da Teoria do Discurso Político, um aspecto importante e pouco explorado nos trabalhos analisados refere-se à elucidação das posições de sujeito que os indivíduos/organizações pesquisados ocupam. Personificar a luta, ou seja, saber quem são os indivíduos/organizações que lutam, seu histórico, sua relevância enquanto atores do campo discursivo em disputa, são alguns dos aspectos fundamentais na compreensão das disputas políticas e da resistência.

Observou-se, também, que, apesar dos trabalhos trazerem à tona disputas e lutas, foram poucos os artigos que aprofundaram e detalharam a questão de “como lutam”, ou seja, a maneira como as articulações ocorreram e como foram construídas. Ainda que a TDP traga elementos que auxiliem na compreensão da resistência, sendo tal fato evidenciado através dos estudos analisados, a mesma não possibilita chegar à discussão da organização, embora os casos tratem disso. Tal fato abre um leque de possibilidades para desenvolvimentos futuros que elucidem questões pertinentes ao estudo das organizações, tais como: Quais estratégias são utilizadas no processo de resistência? O quanto utilizam estratégias mais ou menos institucionalizadas? Como são tomadas as decisões? Como se dá a questão da comunicação?

Para finalizar, destaca-se que foi possível evidenciar, a partir das análises feitas, o potencial teórico e analítico da Teoria do Discurso Político para a investigação da resistência nas suas múltiplas formas e nos mais diferentes contextos e áreas de estudos. Potencial esse que se estende para os estudos organizacionais, sobretudo por permitir lançar luz para os novos antagonismos sociais como forma de resistência e para o caráter político, fluido, não previsível e dinâmico do organizar.



## REFERÊNCIAS

- ASHRAF, M. J.; MUHAMMAD, F.; HOPPER, T. Accounting signifiers, political discourse, popular resistance and legal identity during Pakistan Steel Mills attempted privatization. **Critical Perspectives on Accounting**, n. 60, p. 18-43, 2019.
- ATKINS, E. Dams, political framing and sustainability as an empty signifier: The case of Belo Monte. **AREA**, v. 50, n. 2, p. 232-239, 2018.
- BARCELLOS, R. M. R.; DELLAGNELO, E. H. L. A Teoria Política do Discurso como abordagem para o estudo das organizações de resistência: reflexões sobre o caso do Circuito Fora do Eixo. **Organizações & Sociedade**, v. 21, n. 70, p. 405-424, 2014.
- BARCELLOS, R. M. R.; DELLAGNELO, E. H. L.; SALLES, H. K. Práticas organizacionais e o estabelecimento de lógicas de equivalência: o Circuito Fora do Eixo à luz da Teoria Política do Discurso. **Revista de Administração**, v. 49, n. 4, p. 684-697, 2014.
- Barros, 2009
- BASTOS, A. F. D.; MELLO, S. C. B. Creating Leisure Places: Political struggles for the resignification of the paulista avenue. **Podium-Sport Leisure And Tourism Review**, v. 6, n. 1, p. 43-61, 2017.
- BURITY, Joanildo Albuquerque. Discurso, política e sujeito na teoria da hegemonia de Ernesto Laclau. In: MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto. **Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau**. Porto Alegre: Edupucrs, 2008. Cap. 2, p. 35-51.
- CASADO, J. A. R. The Pandemic and its Repercussions on Taiwan, its Identity, and Liberal Democracy. **Open Cultural Studies**, v. 5, n. 1, p. 149-160, 2021.
- CHAZEL, L.; VÁZQUEZ, G. F. Podemos, at the origins of the internal conflicts around the 'populist hypothesis': a comparison of the theoretical production, public speeches and militant trajectories of Pablo Iglesias and Íñigo Errejón. **European Politics & Society**, v. 21, n. 1, p. 1-16, 2020.
- FAIR, H. Las formas de resistencia política del sindicalismo no menemista y la ausencia de una hegemonía alternativa en los '90: Contribuciones para el análisis de la dinámica política desde la perspectiva de Laclau. **Trabajo y sociedade**, n. 25, p. 149-171, 2015.
- FERENHOF, Helio Aisenberg; FERNANDES, Roberto Fabiano. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SFF. **Revista ACB**, [S.l.], v. 21, n. 3, dez. 2016. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1194>>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- FERNS, G.; AMAESHI, K. Fueling Climate (In)Action: How organizations engage in hegemonization to avoid transformational action on climate change. **Organization Studies**, v. 42, n. 7, p. 1005-1029, 2021.



FILIMONOV, K.; CARPENTIER, N. Beyond the state as the 'cold monster': the importance of Russian alternative media in reconfiguring the hegemonic state discourse. **Critical Discourse Studies**, 2021.

FRASER, A. Post-populism in Zambia: Michael Sata's rise, demise and legacy. **International Political Science Review**, v. 38, n. 4, p. 456-472, 2017.

GIDLUND, U. Why teachers find it difficult to include students with EBD in mainstream classes. **International Journal of Inclusive Education**, v. 22, n. 4, p. 441-455, 2018.

GLEISS, M. S. Discourse, political space and the politics of citizenship. **Norwegian Journal of Geography**, v. 71, n. 4, p. 233-242, 2017.

GRIGGS, 2019\*

HOWARTH, D.; STAVRAKAKIS, Y. Introducing discourse theory and political analysis. In: HOWARTH, D.; NORVAL, A.; STAVRAKAKIS, Y. **Discourse theory and political analysis: identities, hegemonies and social change**. Manchester: Manchester University Press, 2000.

LACLAU, E., MOUFFE, C. **Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics**. 2.ed. London, New York: Verso, 2001.

LACLAU, E. **Emacipação e diferença**. Rio de Janeiro: UERJ, 2011.

MENDONÇA, D. A noção de antagonismo na ciência política contemporânea: uma análise a partir da perspectiva da teoria política do discurso. **Ver. Sociol. Polit.** n.20, p.135-145. Curitiba: jun, 2003.

\_\_\_\_\_. A teoria da hegemonia de Ernesto Laclau e a análise política brasileira. **Ciências Sociais Unisinos**. v.43, n.3, setembro/dezembro, 2007.

\_\_\_\_\_. Antagonismo como identificação política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, p. 205-228, 2012.

MERT, A. The trees in Gezi Park: environmental policy as the focus of democratic protests. **Journal of Environmental Policy & Planning**, v. 21, n. 5, p. 593-607, 2019.

MOSEMGHVDLISHVILI, L. JANSZ, J. Free your 'most open' Android: a comparative discourse analysis on Android. **Critical Discourse Studies**, v. 17, n. 1, p. 56-71, 2020.

MOUFFE, Chantal. **En Torno a lo Político**. 1ª ed., Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2007.

NORVAL, A. J. Trajectories of future research in discourse theory. In: HOWARTH, D.; NORVAL, A.; STAVRAKAKIS, Y. **Discourse theory and political analysis: identities, hegemonies and social change**. Manchester: Manchester University Press, 2000



OTTO, A.; LEIBENATH, M. The interrelation between collective identities and place concepts in local wind energy conflicts. **Local Environment**, v. 19, n. 6, p. 660-676, 2014.

OWEN, T. The 'Access to Medicines' Campaign Vs. Big Pharma: Counter-hegemonic discourse change and the political economy of HIV/AIDS medicines. **Critical Discourse Studies**, v. 11, n. 3, p. 288-304, 2014.

POPARTAN, L. A., et al. Splitting Urban Waters: The Politicisation of Water in Barcelona between Populism and Anti-Populism. **Antipode**, v. 52, n. 5, p. 1413-1433, 2020.

SANTOS, J. M. L.; MELLO, S. C. B. Mello. "For a "Recife Possível": The Counter-Hegemonic Social Utopia of the Urban Rights Movement. **Revista De Direito Da Cidade-City Law**, v. 13, n. 3, p. 1292-1326, 2021.

SPICER, André; BÖHM, Steffen. Moving management: Theorizing struggles against the hegemony of management. **Organization studies**, v. 28, n. 11, p. 1667-1698, 2007.

SULLIVAN, Sian; SPICER, André; BÖHM, Steffen. Becoming global (un) civil society: counter-hegemonic struggle and the Indymedia network. **Globalizations**, v. 8, n. 5, p. 703-717, 2011.

TAFON, R.; HOWARTH, D.; GRIGGS, S. The politics of Estonia's offshore wind energy programme: Discourse, power and marine spatial planning. **Environment and Planning C: Politics And Space**, v. 37, n. 1, p. 157-176, 2019.

GLEISS, M. S. Discourse, political space and the politics of citizenship. **Norwegian Journal of Geography**, v. 71, n. 4, p. 233-242, 2017.

TREGIDGA, H; MILNE, M.; KEARINS, K. Ramping Up Resistance: Corporate Sustainable Development and Academic Research. **Business & Society**, v. 57, n. 2, 2015.

VAN BOMMEL, K.; SPICER, A. Hail the Snail: Hegemonic Struggles in the Slow Food Movement. **Organization Studies**, v. 32, n. 12, p. 1717-1744, 2011.